

Literatura Ensaio:

A educação pela pedra da poesia

Demanda pela produção de João Cabral de Melo Neto, que morreu há dez anos, se intensificou – mas qual a sua herança?

REPRODUÇÃO



HORIZONTE – Seus versos percorrem uma geografia pouco explorada na tradição

Antonio Carlos Secchin
 ESPECIAL PARA O ESTADO

Dez anos após sua morte, completados na sexta-feira, qual o legado do pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999) à poesia brasileira? De início, é preciso observar que sua obra, aparentemente, fugiu do limbo a que se condena a produção dos recém-desaparecidos. Com efeito, *Morte e Vida Severina* continuou a ser, ao que consta, o livro de poesia mais reeditado de nossa literatura. Além disso, a Alfaquara vem relanzando, desde 2007, num belo projeto gráfico, toda a produção cabralina. Em 2008, a Nova Aguilar publicou a segunda edição, bastante reformulada, da *Poesia Completa e Prosa do Autor*. Portanto, a demanda por sua poesia persistiu, e até se intensificou, para além da morte do escritor.

Faz-se necessário, porém, contextualizar sua presença, nos altos e baixos com que ela veio se constituindo ao longo das letras brasileiras, a partir da discreta estreia com *Pedra do Sono*, em 1942, até a incontestante canonização dos dias de hoje.

Costuma-se dizer que João Cabral é um poeta sem antecedentes, mas com muitos descendentes. Ambas as afirmativas devem ser encaradas com certa cautela. No que tange a antecedentes, a afirmativa é verdadeira se nos reportarmos à herança lírica brasileira, mas por que não localizar na literatura espanhola e na ficção de Graciliano Ramos alguns traços que João

TEXTO POÉTICO MAIS REEDITADO NO PAÍS É MORTE E VIDA SEVERINA

Cabral adotaria e desenvolveria, a seu modo? Suas relações com os contemporâneos também costumam ser apressadamente descartadas, quando o próprio poeta admitiu, com ressalvas, pontos de contato com a geração literária a que pertence, em especial no que se refere à negação de certos valores caros aos modernistas de 1922.

Sua geração, a de 1945, é das mais estigmatizadas (com rejeição só comparável à dos parnasianos), a ponto, inclusive, de quase sempre a denominarem em

DOIS POEMAS EXEMPLARES

● O SERTANEJO FALANDO

A fala a nível do sertanejo engana: as palavras dele vêm, como rebuçadas (palavras confeito, pílula), na glâce de uma entonação lisa, de adocicada. Enquanto que sob ela, dura e endurece o caroço de pedra, a amêndoa pétrea, dessa árvore pedranta (o sertanejo) incapaz de não se expressar em pedra.

Daí porque o sertanejo fala pouco: as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso; o natural desse idioma fala à força. Daí também porque ele fala devagar: tem de pegar as palavras com cuidado, confeitá-las na língua, rebuçá-las; pois toma tempo todo esse trabalho.

(De A Educação Pela Pedra, 1966)

● A VIAGEM

Quem é alguém que caminha toda a manhã com tristeza dentro de minhas roupas, perdido além do sonho e da rua?

Das roupas que vão crescendo como se levassem nos bolsos doces geografias, pensamentos de além do sonho e da rua?

Alguém a cada momento vem morrer no longe horizonte de meu quarto, onde esse alguém é vento, barco, continente.

Alguém me diz toda a noite coisas em voz que não ouço. Façamos na viagem, eu lembro. Alguém me fala na viagem.

(De O Engenheiro, 1945)

companhia de um ferino adjetivo: ela é a chamada Geração de 45. Mas foi nessa ambiência que João Cabral, como outros colegas de ofício, repudiou várias das características do primeiro modernismo: o verso e a estrofação livres, a paródia, o poema-piada e, no plano ideológico, o compromisso com projetos de afirmação da nacionalidade.

A maneira de desvencilhar-se desse lastro modernista foi o que, afinal, acabou singularizando o autor: em vez de recusar o nacional em prol de um discurso universalista, na esteira de tantos escritores do período, Cabral, a partir de 1950, o fez mergulhando na vertente regional, tida como menor num período de pós-guerra. O poeta não pretendia carregar o sentimento do mundo, bastava-lhe trazer a memória de Pernambuco. Já no aspecto técnico, quando se descarta das formas livres, não adere ao decassílabo e ao soneto: vai adentrar territórios tidos por desimportantes ou obsoletos, a exemplo do cordele do poema narrativo, discursos vinculados a registros populares e folclóricos. Assim, paradoxalmente, uma das razões da modernidade de João Cabral foi sua adesão ao que havia de mais arcaico na história das formas literárias ibéricas: revividas pelo poeta, adquiriram insuspeitado frescor, descontaminadas que estavam do desgaste padecido por expressões consideradas “nobres”, porém exauridas.

Outra divergência cabralina diante dos pares de 45 foi sua atração pelo prosaico, seja no nível temático, seja no vocabular. Hostilizando o “poético” associado ao sublime e ao abstrato, Cabral pratica uma poesia do chão, infensa tanto à montanha condoreira do escritor olímpico, que enxerga o mundo do alto e de fora, quanto ao subsolo do autor confessional, atolado nas elucubrações de seus pântanos secretos. Enquanto os cultores do confessionalismo versejavam sobre si mesmos, ou, genericamente, sobre a alma humana, Cabral falava de seres historicamente situados, portadores de nome e de biografia. Partindo do Nordeste, na recusa de um humano sem endereço, seus versos iriam percorrer geografias pouco usuais em nossa tradição lírica: além da onipresente Espanha, estendem-se à Guiné, ao Senegal, ao Equador, aos Andes, espaços efetivamente palmilhados pelo poeta, incapaz, segundo dizia, de criar senão movido pela força da memória.

Ao não reconhecer-se herdeiro de 1922, e, ao mesmo tempo, ao distanciar-se dos companheiros de geração, João Cabral foi alvo, inicialmente, de recepção ambígua por parte da crítica. Insistia-se, de um lado, nas teclas da “frieza”, do “racionalismo”, do “prosaísmo” como obstáculos a uma arte “verdadeira”, ou até “humana”. Por outro, mais e mais se reconheciam

em João Cabral as inapagáveis marcas de uma dicção singular.

Sua consciência formal levada a ponto extremo materializou-se em *A Educação pela Pedra*, de 1966, e não será equívocado afirmar que a década de 1960 representou o período de consagração institucional do poeta. Multiplicaram-se artigos, ensaios, teses e livros sobre sua obra. *Morte e Vida Severina*, com encenação premiada na França, transformou o autor em celebridade. Os poetas concretos, tão parcimoniosos no reconhecimento, em âmbito de literatura brasileira, de valores literários anteriores

EM 1968, FOI ELEITO POR UNANIMIDADE PARA A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ao próprio Concretismo, destacam a importância de João Cabral, alçando-o a patamar inatingido por qualquer outro escritor do País. Em 1968, é publicada a primeira edição comercial de suas *Poesias Completas*, que logo se esgotam. No mesmo ano, é eleito, por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras.

A década de 1970 indicará certo refluxo da projeção cabralina, não só porque o escritor, de fato, publicou somente um novo livro entre 1966 e 1979 (*Museu de Tudo*, de 1975), quanto pelo pre-

domínio, na cena da cultura brasileira, da “Geração Marginal”, cujos pressupostos de espontaneidade e de antiformalismo se chocavam frontalmente com os de Cabral. Nos anos seguintes, porém, com a publicação de outros livros e com o seu retorno ao país, já então aposentado como diplomata, pouco a pouco ele retorna à posição de destaque em que o vimos, no primeiro parágrafo deste texto. O prazo de validade poética dos marginais não foi muito extenso. Assistiu-se a uma floração de poetas e críticos de origem universitária, com um instrumental teórico e uma concepção do poético mais afins da prática do escritor.

Se a importância intrínseca de sua obra é hoje ponto pacífico, mais problemática é a relação dessa poesia com os que nela se abastecem. O esquilado minimalismo vigente nas décadas de 1980 e 1990 é bom (mau) exemplo. Entronizado, à revelia, como patrono de poéticas em que certamente não se reconhecia, pela facilitação de tantos simulacros afásicos, muito celebrados por supostamente representarem a “condensação máxima da linguagem”, João Cabral se apequena quando traduzido, ou treslido, pela produção dos que se proclamam seus sucessores, os aspirantes em marcha unida do numeroso exército de subcabralinos.

Em outra ocasião, já destaquei o risco que um texto estilisticamente tão denso e personalizado oferece aos que nele se inspiram: o de traduzi-lo – isto é, reduzi-lo – a tudo que epidermicamente se percebe (os substantivos concretos, a contenção da linguagem, a supressão da primeira pessoa). A partir de poucos elementos, pode-se fazer um poema “à la Cabral”, que, pretendendo ser a favor do poeta, ao continuá-lo, acaba sendo contra o poeta, ao diluí-lo. Melhor, portanto, lê-lo “no original”, sem lastimarmos que a grandeza de sua obra não tenha deixado herdeiros consequentes. ●

Antonio Carlos Secchin é poeta, professor titular da UFRJ e membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de *João Cabral: A Poesia do Menos* (TopBooks), organizou *Poesia Completa e Prosa de João Cabral de Melo Neto* (Nova Aguilar) e *Primeiros Poemas de João Cabral de Melo Neto* (UFRJ)

Universidades da Espanha fazem debate sobre o poeta

João Cabral de Melo Neto é tema de um evento que debaterá sua atualidade e importância em quatro cidades da Espanha. Promovido pela Fundación Cultural Hispano Brasileña, em parceria com o Instituto Cervantes de Curitiba, Instituto Moreira Salles e Universidade Federal do Paraná, o seminário Homenaje a João Cabral de Melo Neto en España será realizado em Salamanca (Universidad de Salamanca), Madri (Universidad de Alcalá), Barcelona (Fundació Juan Miró) e Sevilla (Universidad de Sevilla), nos próximos dias 13, 14, 15 e 16, respectivamente. Antonio Carlos Secchin é um dos conferencistas brasileiros convidados. A palestra de Secchin enfatizará as relações entre João Cabral de Melo Neto e as cidades espanholas, além de abordar os contrastes entre Espanha e Pernambuco.

Na ocasião haverá o lançamento da edição dos *Cader-nos de Literatura Brasileira* (IMS) dedicada ao poeta, traduzida para o espanhol, e da coleção da *Revista de Cultura Brasileña*, que João Cabral de Melo Neto fundou em 1962. Segundo Secchin, o periódico discutia o que havia de mais vanguardista na cultura nacional e trazia, em espanhol. No Brasil, continuando o projeto de relançamento da obra do poeta, a Alfaquara manda para as livrarias, até o fim do mês, a nova edição de *Museu de Tudo* (1975; 168 páginas, R\$ 35,90). De grande variedade temática, o livro tem 80 poemas: alguns se referem a Vinicius, Bandeira, Mondrian e Proust. A 5ª Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas, que começa no dia 6 de novembro, também homenageará o autor.

● FRANCISCO QUINTEIRO PIRES